

# Saramago, um cristão inconfesso

Pe. Geraldo Magela Teixeira\*

**E**ntendo ser uma temeridade comparecer a esta mesa-redonda de especialistas, sabidamente não o sendo. Ao mesmo tempo, entendi ser covardia negar um desejo oculto, que me levou praticamente a sugerir a minha participação, expor-me a um público qualificado apenas como um homem do meu tempo, que procura estar informado sobre o que acontece, o que se escreve, o que se cria ao redor do mundo. Além do mais, sou um homem de Universidade, vindo de uma formação humanista dos velhos seminários, filho de um autodidata que se embebia de poesia e romance. Quem aprendeu análise sintática em Camões, ou o esquece para sempre ou para sempre relê o episódio do Adamastor ou o de Inês de Castro. Assim, venho levando a vida, tocado por uma enorme curiosidade literária, “a vida que poderia ter sido e não foi”, substituindo uma dedicação, que quisera integral, por contatos permanentes com a literatura, colecionando, desde a juventude, alguns autores de minha particular devoção. Tirando os clássicos gregos, latinos e franceses, obrigatórios em um seminário renascentista, fui colecionando autores, quase sempre não muito bem comportados, como Gregório de Matos, Léon Bloy, Péguy, Bernanos, Camus, Graham Greene, Gustavo Corção, especialmente em **Lições de abismo**, França Júnior, o Rosa e o Saramago, incorporado aos meus ícones a partir do **Manual de pintura e caligrafia**.

Pois é sobre esta minha mais recente devoção literária que ousou expor-me nesta noite, numa missão das mais árduas, qual seja, a de garimpar pegadas de fé em sua obra, assumidamente agnóstica.

---

\* Reitor da PUC Minas.



Para começar, tomo emprestada a palavra de Lygia Fagundes Telles, na recente edição extra, comemorativa do Prêmio Nobel, do **Jornal de Letras** de Lisboa:

*Sei – diz Lygia – que Saramago é agnóstico, é claro. Sei também que, volta e meia, ele se envolve nos mistérios místicos, para negá-los embora! Mas se envolve neles. Então, para terminar, queria oferecer-lhe esta rosa do Eclesiastes: “Vai, come o teu pão com alegria, bebe o teu vinho com o coração contente, pois há muito que Deus agrada de tuas obras”.* (Telles, 1998, p. 12)

Faz-se agora necessário um pequeno *status questionis*. Falei em pegadas de fé. A Prof<sup>a</sup> Vera Felício teria sugerido passos da fé, título muito bem adequado ao seu espírito diamantinense, povoado pelos passos da Paixão. As pegadas ou passos de que trato aqui não são os passos de uma militância, inadmissível em Saramago, pois seus passos, em toda sua obra, são, intencionalmente, na contramão da fé. Refiro-me aqui a uma fé implícita, que não vejo limitar-se apenas a um remanescente elemento cultural de sua formação. Noto uma diferença fundamental entre o agnosticismo de Saramago e o agnosticismo de Norberto Bobbio, outro que tenho lido nos últimos tempos. Bobbio, sobretudo em **De senectute** (1966), onde trata mais longamente de sua incredulidade, é um ateu militante que não faz qualquer concessão, ainda que isso lhe traga uma enorme frustração. Sobre a vida futura, ponto central das grandes religiões, ele é radical: “Voglio dire che mi sono sempre parse piu convincenti le ragione del dubbio che non quelle della certezza. Nessuno può essere certo di un evento di cui non vi sono prove. Anche coloro che credono di credere, per reprimere il título di un recente libro di Gianni Vattimo: credo di credere. Io – completa Bobbio – credo di non credere”. “Il tempo del vecchio é il passato. E il passato rivive nella memoria. Il grande patrimonio del vecchio é nel mondo meraviglioso della memoria” (idem). Outro contestador, Morris West, do alto dos seus oitenta anos, responde que se sente como num pico da montanha, já enxergando as luzes da cidade: “Aceitei a verdade de que a cidade existe, de que as luzes são reais e o que espera o peregrino é a volta ao lar”. (West, 1997, p. 13)

Saramago não chega a tanto. Mas aposta no futuro e na vida como uma grande subida. Numa crônica de 1969, fala de um menino que sobe numa árvore:

*O topo está perto, oscilante como um pêndulo invertido... Não me lembro se o rapaz chegou ao cimo da árvore. Uma névoa persistente cobre esta memória. Mas talvez seja melhor assim. Não ter alcançado o pináculo então é uma boa razão para continuar subindo. Como um dever que nasce de dentro e porque o sol ainda vai alto.* (Saramago, 1996, p. 150)



Em **O ano da morte de Ricardo Reis**, há uma posição mais explícita com relação à fé em Deus:

*Fernando Pessoa podia querer deixar-se ficar, coberto pela sua invisibilidade... e assistir às intimidades carnavais e sentimentais. Não seria nada impossível, Deus que é Deus costuma fazê-lo, nem o pode evitar se está em toda parte, mas a este já nos habituamos. (Saramago, 1984, p. 118)*

Em uma entrevista de 1988, publicada no **Boletim** do Centro de Estudos Portugueses da FALE/UFMG, José Saramago procura explicar tais posições:

*Apesar de ser ateu, há São Francisco e o Memorial do convento. Eu, às vezes, respondo: não; sou ateu, mas não sou cego. Eu vivo num meio, quer em mentalidade, quer em moral, quer numa infinidade de coisas, que resulta exatamente da presença e da ação da Igreja Católica. (Saramago, apud Duarte, 1988, p. 90-100)*

Já na recente entrevista ao **Jornal de Letras**, falando sobre o Evangelho, levanta mais dúvidas sobre sua real posição ao afirmar: “Para mim, ateu, como para um crente, a questão da relação do homem com Deus é importante. É esta relação básica, essencial, radical, que eu ponho em causa neste livro.”

### **O Evangelho segundo Jesus Cristo**

Vamos nos deter um pouco mais n’**O Evangelho segundo Jesus Cristo**. Esclareço, de início, que, não por motivos religiosos, mas meramente estéticos, não o incluo entre as melhores obras de Saramago. **Memorial do convento**, **Levantado do chão**, **Jangada de pedra** e **História do cerco de Lisboa** me parecem o melhor de sua ficção. Páginas como aquelas em que se descreve a desesperada peregrinação de Blimunda à procura de Baltazar se inserem entre o que de mais belo se escreveu nesta e em outras línguas. Talvez a tentativa de dessacralizar os Evangelhos e a própria vida de Jesus, algumas incursões blasfêmicas, tenham lastreado a popularidade do livro, inclusive entre os que não o leram ou não conseguiram chegar ao seu fim. Há páginas bonitas, com autêntico carimbo de Saramago, como há páginas menores, e a própria ficção que perpassa a parte documental e a prolonga torna o romance um pouco nebuloso, sem a luminosidade do restante de sua obra. Creio que o prestígio do livro se deva menos à sua qualidade intrínseca do que à própria profanação do sagrado, tão de acordo com a mentalidade do nosso tempo, avesso a valores definitivos, como bem descreve João Paulo II neste monumental documento do fim



de século que é a **Fides et Ratio**. Também no **Evangelho**, sobretudo no **Evangelho**, Saramago vai deixando, ao longo da narrativa, suas sementes de fé.

Começo pelo começo: o episódio da concepção. Depois de descrever, com extrema delicadeza, a relação de José com Maria, o autor põe na boca de Maria: "Louvado sejas Tu, Senhor, que me fizeste segundo Tua vontade o que não faz diferença nenhuma". Continua Saramago com: "Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra". E sabemos que a palavra do anjo se refere à maternidade divina. Intriga-me também a substituição do anjo pelo mendigo, supostamente o demônio. Depois, o mendigo se torna de novo anjo para dizer a Maria: "Mulher, tens um filho em tua barriga." E o diálogo prossegue: "Como soubeste que estou grávida?". "Ainda a barriga não cresceu e já os filhos brilham nos olhos das mães", diz o anjo.

Mais de duzentas páginas adiante, Saramago volta ao tema da concepção e agora, de forma mais explícita, fala da participação de Deus:

*De novo o anjo entrou na casa de Maria e lhe dirigiu diretamente a palavra e foi assim, debes saber, ó Maria, que o Senhor pôs a sua semente de mistura com a semente de José na madrugada em que concebeste pela primeira vez e que, por conseguinte e consequência, dela, da do Senhor e não da do teu marido, é que foi engendrado o teu filho Jesus.* (Saramago, 1992)

Pontuei o fato da concepção, por entendê-lo mais significativo. Há outros pontos em que Saramago deixa escapar a sua fé, como aquele em que afirma que "perdoar só a Deus pertence". (p. 115)

Em outro ponto sugere intervenção divina no sonho de José, quando afirma que "as pessoas não escolhem seus sonhos, são os sonhos que escolhem as pessoas". (p. 143)

Quando fala sobre o diabo, tão presente na obra, acaba soltando uma definição teológica: "Diabo é o espírito que se nega". Em seguida, coloca na boca desse mesmo diabo a afirmação de que "só o filho conhece o Pai... só Jesus. Nenhum dos outros viu a Deus". (p. 313)

Quando, ao final do livro, Saramago fala da morte de Jesus e da aparição de Deus, que profere as palavras "Tu és Meu Filho muito amado, em Ti coloquei as minhas complacências, Jesus compreendeu que vivera enganado, sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio", no fundo, Saramago está exacerbando, consciente ou inconscientemente, a já comum doutrina dos teólogos de que Jesus foi, pouco a pouco, tomando consciência da sua origem divina e de sua missão.

Termino afirmando que, mesmo se José Saramago, em momento algum de sua obra, deixasse dúvida sobre sua confissão explícita de ateísmo, a huma-



nidade do seu trabalho, a luta de sua vida pela justiça e pela solidariedade humana, sua indignação com a atual arrumação do mundo seria uma prova de seu profundo espírito cristão. São Paulo, na Carta aos Romanos, afirma que “diante de Deus, passará por justo não quem sabe, mas quem pratica a lei”.

Na página 197 do **Manual de pintura e caligrafia** da terceira edição da Caminho, livro onde há um pouco de autobiográfico, deixa-nos Saramago esta pérola: “Devemos levantar do chão nossos mortos, afastar dos seus rostos, agora só ossos e cavidades vazias, a terra solta e recomeçar a aprender a Fraternidade por aí.”

30/10/1998

### Referências bibliográficas

- BOBBIO, Norberto. **De senectude**. Turim: Einaudi, 1996.
- DUARTE, L. P., MALARD, L., MIRANDA, W. M. José Saramago, tecedor da História. **Boletim do Centro de Estudos Portugueses**. n. 12. Belo Horizonte, FALÉ / UFMG, 1988.
- SARAMAGO, José. **Memorial do convento**. Lisboa: Caminho, 1982.
- SARAMAGO, José. **Manual de pintura e caligrafia**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1983.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1984.
- SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. Lisboa: Caminho, 1986.
- SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. Lisboa: Caminho, 1989.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. Lisboa: Caminho, 1992.
- SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- TELLES, Lygia Fagundes. Há muito que Deus se agrada das tuas obras. **J. L. – Jornal de Letras, Artes e Idéias**. Lisboa, 14/10/1998.
- WEST, Morris. **Do alto da montanha**. São Paulo: Record, 1997.

